

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
FRANCISCO TEIXEIRA

\*\*\*  
ESPORRIDADE DE  
J. J. DA SILVA BRAGA  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão  
Rua Verrossa, 43-LISBOA



O SR. MINISTRO DA AMÉRICA EM LISBOA

Assignatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha

Por a 180 .....	48000 réis
• semestres .....	28000 "
• trimestres .....	18000 "

Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑIA

Por anno .....	88000 réis
• semestre .....	48000 "
• trimestre .....	28000 "
• mez (em Lisboa) .....	7000 "

## BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

### RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Meio seculo de successo

## ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

### GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris



PARFUM

## FLORAMYE

L.T. PIVER  
PARIS



**Só não tem cabelo nem barba quem quer!**

**Fazemos nascer cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias.**

**Garante-se que não é noivo. Remetto-se com toda a discreção.** Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, d'rec-nos a f'a ha bonita e o cab llo abundante. Temos l vido com o nosso **Balsamo Mootcy** a facilidade a milhares e milhares de pessoas. Um gral do imperador **recorreu a nos pedindo o nosso auxilio e não correu de balde!** Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os pa'zes da Europa e Am'ica, em muitos lugares da Africa e da Aust'alia e o nos o



**Mootcy** conhecido e apre'hido P'ide-se por is o dizer, **na vencia le, que goza de fama univ'rsal.** O recp para o **Mootcy** e de **2555 réis** por porção (uma porção chega perf'ctamente). O pedido de 2 porçõ s. uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de **4110 réis.** Com cada porção va' um **CERTIFICADO DE GARANTIA**, do qual nos obrigamos a dar out a vez o dinheiro recebido, se o rem d'io não der resultado algum.

**Se isto não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 300\$000 (trezentos mil réis).**

Para prevençõ contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem a escripta a palavra **Mootcy.** Envia-se diariamente para todas as pa'zes, mesmo para as mais affastadas, com a excolição clara da maneira de ser usad e com o certifiadõ de garantia, e portuguez, contra pagamento adiantado ou aimento pelo correio n'a auto da entrega. A's praças do exerc'io do ul't amar ad se envia o **Mootcy** se a ordem vier a-com, a-nhã da respectiva quantia em cheque a bre a Europa ou for expedida por casas exportadoras de Hamburgo.

Mootcy depôt  
**Holmens Kanal 28 Kopenhagen 133.**  
O MAIOR E MAIS IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DA ESPECIALIDADE NA EUROPA

FARINHA  
LACTEA

# NESTLÉ

**ALIMENTO COMPLETO**  
para crianças e pessoas edosas.

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

## ERNST GEORGE

SUCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens e reulatorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

### Viagens baratissimas á TERRA SANTA

# WAGNER

## EM S. CARLOS

### II A WALKIRIA

A ACÇÃO DO SE-  
GUNDO DRA-  
MA DE TETRA-  
LOGIA «OS  
«MOTIVOS» NA  
OBRA WAGNE-  
RIANA

Wotan, o rei dos deuses, captivando Erda, alma antiga da terra, mãe das tres Nornas que fiam o cabo do destino, por meio d'um philtro amoroso, fez nascer d'ella as Walkyrias, virgens guerreiras encarregadas de conduzir ao Walhall (palacio dos heroes mortos) os que morressem em combate nos campos de batalha da terra. Uma d'essas nove filhas illegitimas do deus, a preferida de entre todas no seu affecto, é Brünnilda, a quem cabe, por ordem de seu pae, a missão de defender os amores incestuosos de Siegmundo e Sieglinda, gêmeos engrandados por Wotan em uma mulher mortal, quando sob o nome de Walse errava na floresta. De Siegmundo quiz o

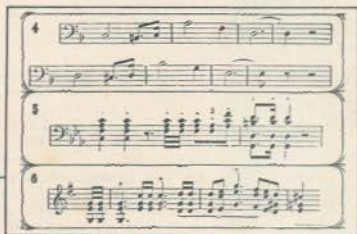


Na «Walkyria»—Sieglinda e Siegmundo

(De Fautin-Lahour)

dominadora do seu poder divino e consequentemente fóra do ambito da maldição que a esse poder andava junta.

Os amores de Siegmundo e Sieglinda nascem quando, após uma longuissima ausencia, os dois se encontram e reconhecem, em casa do marido d'ella, Hunding, da raça dos Neidings, filhos do odio e da inveja. Siegmundo, derrotado e perseguido, refugia-se na habitação rustica, onde Sieglinda lhe apparece e lhe escuta a sua historia. Elle diz-lhe então que, na sua infancia, vivia feliz com o pae, a mãe e uma irmã, quando um dia, no regresso da caça, elle e o pae encontraram a casa em cinzas e a mãe assassinada. A irmã desaparecera, e, por muito tempo, elle e o pae debalde procuraram, errando na floresta. Até que um dia o pae



Principaes «motivos» de *Walkyria*  
1—Siegmund; 2—A renuncia; 3—O amor

deus fazer o heroe forte, livre quanto possivel da influencia

4—A desgraça dos Walsungen; 5—Hunding;  
6—O grito de Victoria dos Walsungen

desappareceu tambem e só elle ficou vivendo e luctando n'uma



Na «Walkyria»—Brünnilda

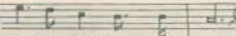

vida aspera, entre terríveis tempestades e inimigos implacáveis.

Por sua vez, Sieglinda conta ao recém-vindo que, no dia das suas tristes nupcias com Hunding, a quem os bandoleiros a tinham vendido, um velho de aspecto mysterioso, envolto n'um largo manto e com a face meio escondida pelas abas d'um chapéu gigante, entrou na choupana e, perante o pasmo aterrado de todos, menos d'ella, Sieglinda, que adivinhou no visitante um protector, enterrou no

tronco da arvore que existe no meio da casa uma espada, até aos copos, declarando

que ella pertenceria ao heroe que d'ali conseguisse arrancar-a. Sieglinda adivinha que esse heroe vai ser Siegmundo. Alguma coisa os atrae, embriaga-os o mesmo olhar d'amor e eis que, de repente, a porta da choupana se abre, deixando ver a belleza da noite banhada de luar. Assustada, Sieglinda pergunta baixinho quem saiu. Não saiu ninguem: mas entrou a Primavera, suave e linda, para abençoar com o canto da sua peregrina belleza o amor que nas suas almas floresce. Siegmundo arranca a espada Sieglinda, doida de alegria e de amor, precipita-se nos seus braços.

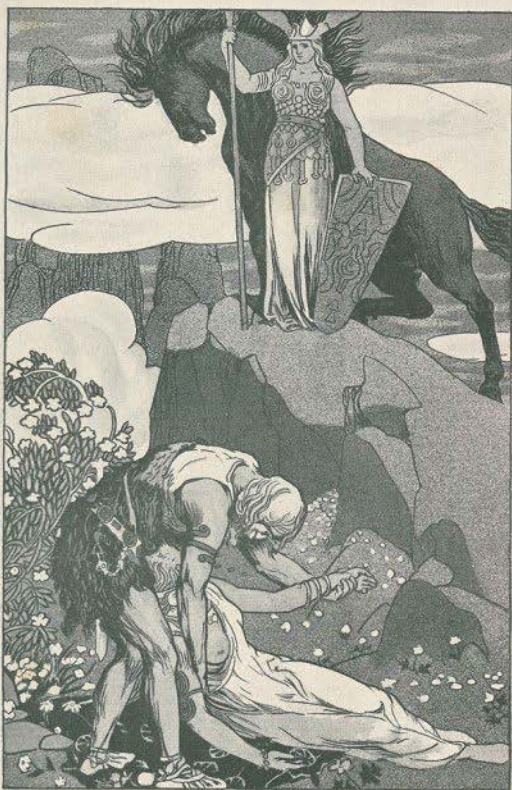


heilic ist mein herd   
 heilic sei dir mein haus 

Na «Walkyria» — Wotan e Brünnhilde

Vão-se executando d'esse modo os desejos de Wotan que outro não era o mysterioso velho que enterrára no tronco da arvore a espada e fizera a estranha propheta. Para que esses desejos se satisfaçam por completo é comtudo preciso que da lucta que vae travar-se entre Siegmundo e Hunding saia o primeiro victorioso, e o deus entrega a Brünnhilde, a Walkyria predilecta, a sorte do heroe quando a deusa Fricka, mulher de Wotan

e guardadora dos laços sagrados do casamento e da familia, vem impôr-lhe a victoria do esposo trahido. Wotan, resistindo ás supplicas de Brünnhilde vê-se forçado a ceder, no meio do maior desespero. Todas as esperanças de salvação da sua raza vão cahir por terra com o seu heroe, sob a espada de Hunding e, no auge do furor, Wotan amaldiçoa o seu poder, prevê o fim dos deuses, e, abençoando Hagen, o filho de Albe-



SIEGMUND! — SIEH AUF MICH!  
 ICH — BIN'S, DER GALT DU FOLGST.

Na «Walkyrias»—Brünnilda contemplando o idyllo de Siegmundo e Sieglinda

rich, feito por este sem amor, n'uma mulher comprada pelo Oiro, esposa do rei Gibich, proclama esse Nibelung o herdeiro e exterminador do mundo. Brünnilda recebe as novas ordens de seu pae: Siegmundo morrerá e ella, com suas irmãs, terá apenas de conduzir ao Walhall o seu corpo inanimado.

A Walkyria vae anunciar a Siegmundo a morte proxima, mas, commovida pela scena de apaixonado amor que os seus olhos contemplam, toma no combate o partido do heroe. A tempo, porém, chega Wotan para decidir em favor de Hunding a

sorte das armas e ameaçar colerico a filha que lhe desobedeceu.

Passa-se no cume d'uma montanha o terceiro e ultimo acto do drama. Ouvem-se os gritos de guerra das Walkyrias. E' a cavalgada celebre. A ultima a chegar é Brünnilda, que traz sobre o seu corseel uma mulher viva — Sieglinda. A irmã de Siegmundo não quer sobreviver ao amante, seu irmão, mas Brünnilda revela-lhe que do seu ventre vae nascer um filho do heroe. E então ella, a essa revelação, sentindo-se presa d'uma alegria immensa, resolve, por conselho das Walkyrias, para salvar o filho, re-



REERYATER REITET SEIN THEICES WÖR!



Na «Walkyria»—O regresso de Wotan

fugiar-se nas florestas onde habita o gigante Fafner, possuidor do ouro maldito.

Wotan chega e a sua voz faz-se ouvir entre os ruidos da tempestade que o acompanha. Vem condemnar a filha preferida, que desobedeceu ás suas ordens tomando no combate o partido de Siegmundo.

Para sempre ella será banida do Walhalla, e privada da sua essencia divina; á beira d'um caminho deixal-a-ha adormecida e sem defeza á mercê do primeiro que, passando, a quizer acordar e fazer d'ella sua escrava; sob as ordens d'esse mortal fiará linho; será escarnecida por toda a gente e, pois que ella intempestivamente se deixou do-

minar pelo amôr, será o amôr que vingará a sua culpa dominando-a com o seu poder, seduzindo-a com as suas alegrias e dilacerando-a com a sua dôr. Em vão a Walkyria implora a caridade do deus. Até que, vendo que ao nobre orgulho d'ella o que mais repugna é que aquelle a quem o destino a entregar seja um cobarde, Wotan condescende em fazer rodear o logar do seu somno d'uma barreira de chammas que só um heroe audaz ha de transpôr. N'um beijo de despedida arranca a Brünnilda a essencia divina. A Walkyria adormece, com o seu capacete cerrado, ao lado da sua lança, coberta pelo seu escudo. Em sua, volta nasce o



Hugo [Browne]

WO IST BRUNNHILDE? WO DIE VERRRECHERIN

Na «Walkyria»—Wotan

fogo. É a virgem, filha do deus, fica esperando o heroe mortal que a fará sua escrava e que ha de ser—ella o presente—o filho de Siegmundo e Sieglanda:—*Siegfried*.



Não será inútil talvez accentuar a extrema importancia dos *motivos* musicaes que acompanham estas rapidas notas. Elles representam, por assim dizer, a ossatura do drama lyrico e é por meio d'elles que Wagner consegue a desejada união intima das palavras e da musica. De modo diverso d'alguns dos que o precederam, o grande reformador allemão não se ser-

ve apenas dos *motivos* para caracterizar os personagens. Na sua obra as phrases melodicaracteristicas apparecem a definir situações e estados d'alma e cruzando-se, combinando-se, associando-se ou evolutindo, servem para marcar d'uma forma original, mas logica e perfeita, a successão scenica do drama. O conhecimento d'esses *motivos* é, por consequencia, a base essencial para uma perfeita comprehensão da obra de Wagner. E, permitindo ao leitor que se familiarize com elles, apresentando-os nas laudas d'estes pequenos artigos, certamente para essa comprehensão mais eficazmente concorro que se porventura em sua vez tentasse uma analyse musical longa e





minuciosa. Para tornar acessíveis ao entendimento de todos as coisas que por sua má fortuna adquiriram no andar dos tempos a pernicioso fama de abstrusas, não ha melhor processo que o de reduzir-as á expressão da sua maxima simplicidade. E os *motivos* são na technica wagneriana a mais singela e mais elemental das expressões.

Com este artigo começa a *Illustração Portugueza* publicando algumas caricaturas inspiradas pela obra de Wagner nos primeiros tempos da sua vulgariza-

ção em todo o mundo. Por algumas d'ellas, é facil avaliar a hostilidade com que o publico a recebeu. Hoje, porém, graças ao progresso da educação esthetica dos povos cultos, e ao esforço dedicado d'alguns espiritos eleitos, que devotadamente se teem dedicado ao seu apostolado, essa obra em toda a parte triumpho, como de certo triumphará entrenós... se o destino não reservar á nossa crença optimista no bom gosto do publico de S. Carlos mais uma melancolica desillusão.

PAULO OSORIO.



7—O presentimento (ob. a mais deliciosa das volúpias!...) 8—As Walkyrias; 9—A benção do Filho do Nibelung; 10—A perseguição. Depois d'uma audição wagneriana—*Caricatura alemã*;  
11—A interrogação do Destino; 12—A cavalgada; 13—Sigrifried; 14—A sentença de Wotan; 15—O somno; 16—O adeus (Pela primeira vez o experimento no ultimo beijo do adeus...)



Dirigindo um ensaio (Desenho de Gustav Gault)



Wagner director d'orchestra (Caricatura inglesa)

# ARTES E LETRAS



**ANTONIO PATRÍCIO.**—O grande poeta do *Oceano* acaba de publicar o episodio dialogado, *O Fim*, que certamente ficará como o mais intenso e bello documento litterario da tremenda crise moral em que se debate a nacionalidade portugueza.

*Cliché da phot. PEREZ, (PORTO)*

**CANDIDO DE FIGUEIREDO.**—O academico e philologo illustre, a quem se deve o serviço relevante de ter iniciado e conduzido com a competencia de um sabio e um ardor combativo de mocidade a maior campanha sobre questões de linguagem que se tem debatido na imprensa portugueza, sabe alliar á sciencia de um erudito a inspiração de um grande poeta e a arte consumada de um prosador de raça. O seu ultimo livro de *Contos*, é uma pequena obra-prima de emoção violenta e de technica lapidar.

*(Cliché de ANTONIO MARIA SERRA)*

**ALEXANDRE MALHEIRO.**—O distincto romancista, cujas faculdades delicadas de observação e a predilecção pelo estudo dos costumes provincianos fizeram evocar á critica o nome de Julio Diniz, acaba de publicar a novella *O Filho do Morgado*.

*(Cliché de ARNALDO PONSECA)*



**O SR. FRANCISCO BAHIA E D. MARIA DO CARMO BAHIA.**—O sr. Francisco Bahia é professor distinctissimo do Conservatorio e pianista dos mais illustres do nosso paiz. O seu talento, o seu trabalho e o seu methodo teem educado um grupo de pianistas de valor, no qual se conta a sua propria filha, D. Maria do Carmo, e que é tambem, sob o ponto de vista artistico, uma das suas discipulas mais queridas. Aos sete annos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo, que é hoje já uma pianista muito notavel, deu, no salão do theatro de D. Maria, o seu primeiro concerto.

*(Clichés de BOBINK E FERNANDES)*

**MANUEL SILVA.**—Uma novel vocação artistica, que obteve o primeiro premio de violoncello do Conservatorio de Lisboa pelas exceptionaes qualidades e rigor technico tão precocemente revelados.

# AFFONSO XIII UM REI QUE SABE REINAR.

(Continuado dos n.<sup>os</sup>  
157 e 158)

Sendo-me impossivel tomar a iniciativa de dirigir a conversa para o assumpto escabroso de que tanto desejava approximal-a, o meu estratagemma teve de reduzir-se a aproveitar o primeiro ensejo, embora debil, de me referir ao desalento que n'esta hora de desasocogo estava abateando as energias portuguezas, sobretudo as novas gerações—predestinadas a serem as victimas, resignadas ou revoltadas, dos erros do passado, e á frente das quaes avultava a pensativa tristeza do proprio Rei. Essas gerações inquietas precisavam de ser apaziguadas com esperanças, tonificadas de alegria...

O olhar de Affonso XIII trespassou-me.

Sentí nitidamente que esse olhar argucioso me penetrava, como quem procura adivinhar as feições de um rosto occulto por uma mascara.

Podia ter recuado a tempo. Avancei. Longe de ser uma má acção o que n'aquelle momento praticava, o que eu pretendia apenas era arrancar sem quaesquer violencias, a Affonso XIII, o protesto espontaneo e quanto possivel energico contra as insinuações de uma intervenção politica de Hespanha nos negocios de Portugal, mesmo sob o aspecto de uma influencia pessoal exercida de soberano para soberano.

Insisti na evocação da figura do rei de Portugal, que pela ultima vez, na recita de S. Carlos, em beneficio das victimas de Messina, eu vira no camarote real, entre as aclamações dos espectadores,



Os reis de Hespanha e o herdeiro da corôa

pallido como a propria imagem da Desventura.

—Foi n'esse spectaculo que falou o conselheiro Alpoim?— indagou Affonso XIII, que nunca mais deixára de fixar-me. E como eu respondesse que não, o rei de Hespanha, sacudindo a cinza do cigarro, disse nervosamente:

—Não se assistiu aos horrores a que assistiu o rei de Portugal com a indifferença com que se vêem touros de barreira... Mas independente d'isso, parece-me



valentia e na temeridade... Assim pudesse V. M., como amigo que é do rei de Portugal, comunicar-lhe essas optimistas energias de mocidade e aconselhal-o...

—Ahi está uma coisa a que não me considero com direito! — exclamou Afonso XIII, interrompendo-me. Um rei não pôde, mesmo a título de amigo, aconselhar um rei. Zêlo muito a minha independencia e a minha liberdade de acção para me auctorisar a desacatar as do meu semelhante. N'esses casos, invocar a amizade é apenas procurar attenuantes para um erro. Um rei não pôde procurar conselheiros



que D. Manuel é de seu natural alegre. Em quasi todos os instantaneos reproduzidos na *Illustração Portuguesa*, no decurso da viagem ao Porto, El-Rei está a sorrir...

—Pode-se sorrir sem alegria...

—Uma alegria não existe sem motivo...

—Pode-se ser por natureza alegre. E então a alegria é uma força, communicativa e impulsionadora... V. M. tem essa alegria...

—E' um engano! Eu não sou alegre...

—E entretanto, se ha alguém que tenha direito, quasi o dever de o ser, é V. M., assistindo á progressiva prosperidade do seu reino, presidindo, como soberano, a uma verdadeira restauração economica da Hespanha, sentindo-se rodeado de uma pleiada de notabilissimos homens de governo... Pode V. M. não ser alegre, mas tem, como ninguém, as expansivas apparencias da alegria, mesmo na



fôra do seu paiz. Nem o rei de Portugal precisa dos meus conselhos. Em 1903, quando fui a Lisboa, a intelligencia de D. Manuel surpreendeu-me. Tinha então treze annos e parecia-me que estava mais preparado para reinar do que eu proprio...

E com um ardôr, que por completo de novo o transformava, Afonso XIII fez do rei de Portugal o elogio commovido e caloroso, despojando-se de todas as suas qualidades para com ellas mais engrandecer o amigo. Depois, meneando a cabeça:

—A Hespanha atravessou tambem crises terribes e conseguiu applical-as. Ardentemente desejo as prosperidades de Portugal e em absoluto confio n'ellas. A sorte de um paiz irmão não nos pôde ser indifferente. Mas conselhos, não! Nem sei admittil-os nem dal-os!

Ambos ficamos por um

Os sports favoritos de Afonso XIII:—o golf e o tiro aos pombos

momento silenciosos, como comprehendendo que tinhamos ido. Elle nas concessões, eu na inconveniencia, até aonde isso nos era consentido.

Não me teria sido difficil manter a entrevista, que terminava, no diapação banal a que de costume as submete a pre-conceituosa etiqueta de uma audiencia real. Mas se ella assim perdera em cordealidade, em compensação ganhára em interesse.

Lembrando-me então da antecâmara, que meia hora antes vira repleta de gente, fiz menção de levantar-me. O Rei, porém, como se não quizesse despedir-me sob a impressão das ultimas palavras que lhe ouvira, deteve o meu leve movimento com uma pergunta que parecia desviar para bem longe o thema da conversa.

—Veiu de Lisboa em automovel? Quantas horas gastaram na viagem?

—Vinte e oito horas, incluindo as paragens, que foram numerosas.

—Mas de marcha efectiva?

—Approximadamente quatorze horas.

—N'um *Napier*?

—N'um *Napier*.

—De quatro ou seis cylindros?

—De seis cylindros.

—E as estradas?

—Optimas em Hespanha...

—Pode-se andar depressa de Badajoz a Elvas?

—Quanto se queira...

Insensivelmente, a conversa anterior parecia reatar-se. Pois não era em Villa Viçosa que Afonso XIII pensava, ao perguntar-me o estado das estradas, e *si on pouvait filer* entre as theatraes muralhas arruinadas de Badajoz e a scenographia militar de Elvas?

Agora, porém, a audiencia terminára. A mão fina mas forte do rei de Hespanha estendeu-se-me n'um movimento franco; e já da porta, pela ultima vez, vi Afonso XIII, perfilado, n'essa attitudo hieratica, em que elle parecia pousar para um retrato, e que por completo lhe transfigurava o semblante, accentuando as feições herallicas do seu rosto glabro.

Na solemne antecâmara revestida de brocado vermelho e oiro, apenas encontrei os



Afonso XIII e a Rainha Victoria em S. Sebastian

officiaes de serviço. Um lacaio abriu-me a porta que communicava com a sala azul. Os alabardeiros indicaram-me um novo caminho de sahida; e n'essa mesma noite eu abandonava Madrid com apprehensões que ainda hoje se não desvaneceram...

C. M. D.

# O CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA

## A LEGAÇÃO DA AMERICA



Mr. Charles Page Bryan, ministro da America em Lisboa

Mr. Roosevelt, vice-presidente da grande nação norte-americana, que tendo devido a presidência a um deploravel accidente conquistou, só pelos seus altos meritos, a reeleição, fez no passado dia 4, de harmonia com as leis do seu paiz, entrega da chefia ao seu successor Mr. Taft, depois de quasi oito annos da mais activa e fecunda administração. Este facto dá oportunidade á inserção de algumas palavras sobre o novo presidente e sobre o representante da America do Norte junto da cõrte portugueza.

Mr. Taft, eleito por grande maioria em novembro ultimo, é um americano de ascendencia illustre.

Os europeus, pouco familiarizados com a historia dos Estados-Unidos da America, admiram-se da importancia que muitos americanos dão á linhagem. Esquecem que uma grande parte dos emigrados entre 1600 e 1750 pertencia ás mais distinctas familias



de Inglaterra, França e Hollanda. Ser descendente d'estes ou dos heroes das varias guerras ame-

ricanas, conta muito mais para os melhores elementos da sociedade na America do que a riqueza combinada de todos os Vanderbilts e outros multi-millionarios. A sociedade conservadora americana liga menos importancia á simples posse de dinheiro do que a de muitas capitais da Europa.

Recordando que na grande guerra civil, de ha apenas uma geração, tres milhões e meio de soldados se achavam alistados nos poderosos exercitos d'ambos os lados, nada surprenderá o espirito marcial d'um povo herdeiro de tanto heroismo.

A familias com estes antecedentes pertencem os presidentes Roosevelt e Taft — familias de fortuna modesta mas distincta ascendencia. O pae de Mr. Taft foi juiz supremo no



Primeiro antepassado dos Bryan que desembarcou na America em 1641



Mr. Taft, o novo presidente dos Estados Unidos da America

seu Estado, ministro d'estado e representante do seu paiz na cõrte de Vienna. O actual presidente, graduado pela Universidade de Yale, onde muito se distinguio, foi depois juiz no seu Estado e ministro da guerra durante a conservação no poder de Mr. Roosevelt, cuja politica interna e externa tem advogado com entusiasmo, comquanto, pessoalmente, seja considerado mais conservador nos seus methodos. Como este, promete continuar a lucta contra os abusos e exigencias dos millionarios.

Quando governador das Philippinas satisfiz o povo americano e a difficil população d'aquelle archipelago; conseguindo mesmo resolver a complicada questão religiosa.

Bom cavalleiro, prefere, como *sport*, o automovel e o *golf*, distinguindo-se ainda hoje como valista. Tem uma esposa intelligente e encantadora e tres filhos que soube educar nos mais sãos principios. Homem de grande estatura e muito sympathico, até o seu sorriso attraente e bom corre já mundo, reproduzido pela photographia.

O representante da União Americana em Lisboa nasceu em Chicago em 1855 e descende d'uma illustre familia irlandeza que se estabeleceu

em Virginia no anno de 1641. Educado na Universidade de Virginia e terminando os seus estudos na *Columbian Law School*, foi recebido como advogado em 1878, anno em que passou ao Colorado, onde fez as suas primeiras armas na imprensa e foi escolhido para presidente da «Colorado Editorial Association».

Em 1880 foi pela primeira vez eleito deputado pelo Colorado, quando tambem encetava a vida publica o seu velho amigo Mr. Roosevelt, de quem possui uma colleção de cartas interessantissimas d'essa epoca.

Regressando ao Illinois foi eleito successivas vezes pelo districto Du Page County, atravessando cinco legislaturas em dez annos. No parlamento foi o campião das leis sobre a organisação do trabalho e sobre a Guarda Nacional, na imprensa revelou-se interessante escriptor de assumptos historicos e politicos.

Durante vinte annos serviu no exercito estadual, milicia privativa, dos Estados do Colorado e Illinois, foi coronel do 1.º regimento da Guarda Nacional e pertenceu, como ajudante de campo, á casa militar



Mr. T. Roosevelt, presidente de 1901 a 1909

de quatro governadores.

Aos dez annos Mr. Bryan viveu com seus paes na Suissa onde voltou em 1872 para estudar com o professor Shobinger. Alli e em França aprendeu o allemão e o francez que fala correctamente.

Antes de ser ministro veiu duas vezes á Europa como secretario em commissão especial. Uma outra vez foi mandado á Scandinavia estudar o systema militar. Assistiu ás manobras da Noruega sob a direcção do Principe Real Gustavo, hoje rei da Suecia, e com a assistencia do Rei Oscar; manobras que, de um dos lados foram commandadas pelo general Raeder, pae do actual encarregado de negocios d'aquelle paiz em Lisboa.

O presidente Mc Kinley escolheu Mr. Bryan para ministro na China, sendo porém transferido a seu pedido, para o Brazil, paiz de que conserva as mais gratas recordações e onde foi decano do corpo diplomatico, tornando-se muito sympathico e popular. Desenvolvendo parallelamente a sua acção diplomatica e social, visitou quasi todos os estados pondo-se em contacto com todos homens publicos da união sul-americana. De Rio de Janeiro foi transferido para Berne onde esteve poucos mezes.



1.—Washington o primeiro presidente da America, 1789-1797. 2.—O palacio Fox onde, se acha installada a Legação da America

Foi d'alli que no anno de 1903 veiu como ministro para Portugal, paiz que havia muito o atrahia e sobre que já escrevera lisongeiramente na America como o fizera tambem com respeito ao Brazil, considerando o povo brasileiro digno repre-

sentante do seu ascendente—o portuguez.

Pelo anterior conhecimento que tinha do caracter e dos costumes portuguezes, pelas suas extraordinarias faculdades de adaptacão, pelo seu *savoir-faire* resultante do estudo e do contacto com varias sociedades





A escadaria monumental do palacio Foz

e civilizações e ainda pelo conhecimento já adquirido da lingua portugueza, Mr. Bryan impõe-se desde o primeiro momento, no que foi auxiliado pela sua figura insinuante e bondosa, estatura e typo, inconfundiveis no nosso meio. A breve trecho torna-se o diplomata mais popular na nossa terra, qualidade que tem sabido conservar, não só na capital mas no paiz inteiro, que tem percorrido em todas as direcções em

viagens d'estudo ou á procura de sensações d'arte. Em todo o reino tem amigos e é conhecido, sendo por toda a parte recebido com as honras devidas ao seu alto cargo. Por mais d'uma vez tem causado admiração aos seus collegas do corpo diplomatico ao verem como, mesmo os mais humildes da população portugueza, o conhecem, saudam e admiram. E' que, não se é debalde sinceramente bom e affavel.

Além d'isso, toda a nação tem mais ou menos conhecimento dos altos serviços prestados a Portugal por Mr. Bryan. A larga propaganda que tem feito de Portugal no estrangeiro, especialmente na America, provocou a vinda aqui de visitantes illustres, em automovel uns, muitos outros nos seus *yachts* magníficos, taes como os Vanderbilt e os Drexel já por duas vezes, e os Higgins, Goelets, Armour, Gordon Bennett, Pulitzer, e outros, que de antemão contam com o acolhimento franco do representante da America em Lisboa.

A seu pedido vieram ao Tejo duas poderosas esquadras americanas, a segunda, de onze navios, expressamente para tomar parte nas festas por occasião do alistamento do actual rei D. Manuel como guarda-marinha e saudar em nome do governo americano um novo official que ia honrar a armada real portugueza, já por tantos titulos illustre.

Tres importantes tratados, entre Portugal e a America, conseguiu Mr. Bryan nego-



1—Miss Bryan, irmã do illustre ministro. 2—A sala de festas Luiz XV, por Leandro Braga

ciar, de accordo com o sr. Visconde d'Alte que muito aprecia e considera *persona grata* em Washington, os quaes viu ratificados: os de arbitragem, extradição e naturalisação, este principalmente da maxima importancia para Portugal, pelas difficuldades que lhe advinham do uso que alguns açorianos faziam de duas nacionalidades cumulativamente.

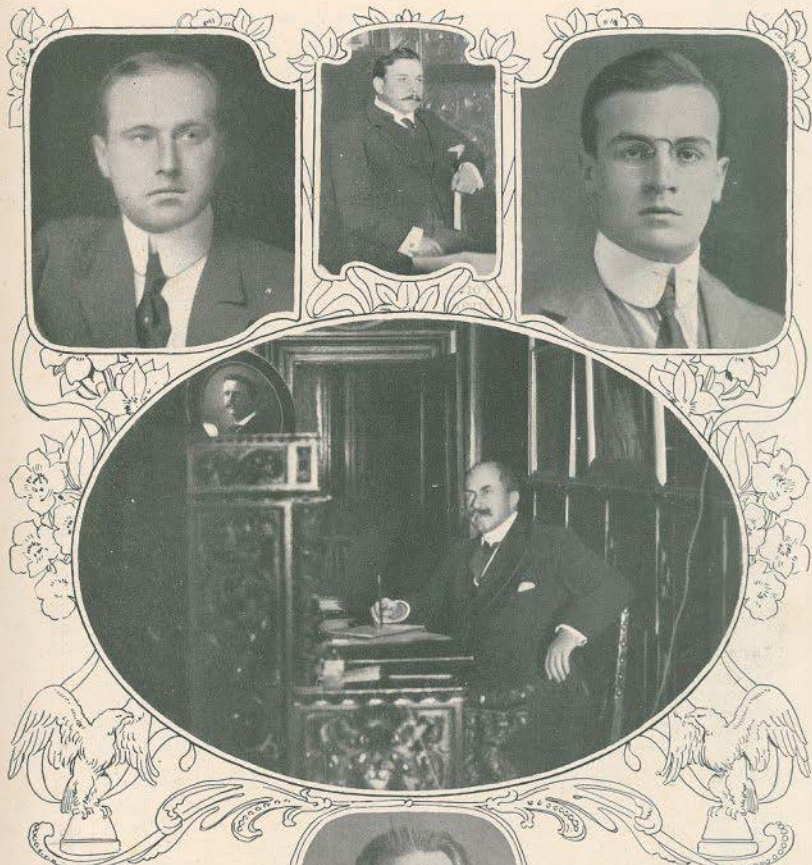
Além d'estes, um protocolo ou convenção commercial foi assignado.

Ainda ha pouco encontrando-se em goso de licença na

America, pronunciou um discurso, que dois jornaes de Lisboa reproduziram, no qual fez o elogio do actual rei de Portugal, da rainha e do povo portuguez. Falando dos emigrantes na America; disse que as estatisticas provam que a menor proporção de crime é a que se nota na colonia formada pelos que vão de Portugal.

Protector da arte portugueza em todas as suas manifestações, tem sempre procurado tornar conhecidos no estrangeiro os nossos artistas.

Conhecendo a fundo todos os



monumentos portuguezes, os seus antecedentes e significação, visita-os sem canção dezenas de vezes para os mostrar aos estrangeiros de distincção que nos visitam e de quem é o mais erudito e desinteressado *sicrone*.

A curiosissima *tournée*: Santarem, Thomar, Alcobaca, Batalha, Leiria, Caldas da Rainha, Lisboa, tem-na feito em automovel innumeras vezes; pois lá o vêem sempre absorto perante a grandeza da Batalha, em que encontra sempre novidades apreciaveis, extasiado

ante a belleza do convento de Christo, em Thomar, que entre todos prefere, e encantado com o pittoresco da alegre Leiria. Nada desconhece ou menospreza do Minho ao Porto, Bussaco, Coimbra, Evora e Setubal. Em Lisboa tudo viu detidamente e mostrou aos conhecedores, sem esquecer a preciosissima jóia que é o convento da Madre de Deus (em Nabregas), tão desconhecido dos lisboetas.

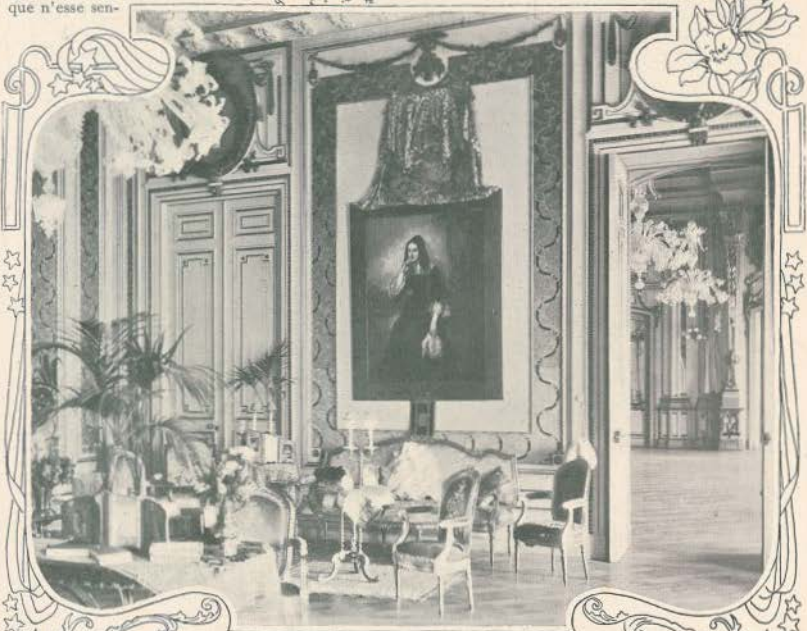
Se estes factos pôdem ser de todos conhecidos, quantos outros não

1—Mr. Martin, secretario particular. 2—Mr. Lorillard, 1.º secretario da legação americana  
3—Mr. Robbins, secretario particular. 4—S. ex.ª o ministro da America  
no seu gabinete de trabalho. 5—Mr. Louis Aymé, consul geral da America em Lisboa

ficam no impenetrável silêncio da chancellaria americana!

Sob dois aspectos ainda, se tem manifestado a benevolência influencia de Mr. Bryan. Pelo seu conselho e sensata influencia logrou refrear os impetus naturais dos representantes da imprensa estrangeira, principalmente os que aqui vieram expressamente por ocasião da grave crise de 1908, e que, desconhecendo o fundo da questão, poderiam ter causado irreparáveis prejuizos ao nosso paiz.

O outro aspecto da sua influencia tem sido o valor do seu conselho aos diplomatas chegado de novo, que n'esse sen-



1—S. A. O Principe Louis de Battenberg na Legação da America (Cliché de LADY DE BUNSEN)  
2—Sala de recepções Luiz XVI, por L. Braga

tido muito o procuram, desfazendo mal entendidos desagradáveis e defendendo sempre Portugal de opiniões desfavoráveis que a nosso respeito correm mundo.

E' já lenda entre os diplomatas estrangeiros que as casas portuguezas são impenetráveis, com raras excepções e quasi sempre por dever d'officio. Pois Mr. Bryan com as suas vastas relações, sendo recebido na intimidade por numerosas familias de todo o paiz tem conseguido desvanecer tal lenda que, diga-se de passagem, tem um,

ainda que leve, fundo de verdade.

Mr. Bryan possui em larga escala a tão conhecida actividade *yankee* que ainda hoje lhe permite valsar nas reuniões da sociedade e trabalhar diariamente no seu gabinete de estudo desde as sete horas da manhã. Na sua ultima estada na America, favoreceu no seu Estado a eleição de Mr. Taft, como candidato que era do seu grande amigo Mr. Roosevelt, sentindo bastante que a qualidade de diplomata em exercicio o impedisse de tomar parte activa na campanha, como o fizera para Mc-



Kinley, em que chegou a pronunciar dez discursos n'um dia!

Mr. Bryan teve a honra de ser escolhido pelo presidente Roosevelt para o representar como embaixador especial nos funeraes dos mallogrados Rei D. Carlos e Principe D. Luiz Philippe. Um dos maiores serviços prestados pelo illustre diplomata americano à arte portugueza foi, sem duvida, a manutenção da parte principal do bello palacio Foz—a mais harmoniosa das grandes casas de Lisboa, na phrase de Malheiro Dias — que, depois de fechado durante oito annos, estava destinado á barbara invasão do petroleo, electricistas, alfayates, modistas e cinematographos, como o aconteceu ao resto do monumental edificio.

O illustre ministro chegava então a Lisboa e procurava installar-se. Depois de vêr muitas casas entrou no palacio da Avenida. Os azulejos D. João V, do atrio, dispuzeram logo bem o visitante, dotado como é, de delicado gosto

artístico e conhecimentos d'arte; a escada, de grande valor artistico e real,—pois é a reprodução em vulto da pintura perspectiva de Lebrun no palacio dos duques de Luynes, em Paris, executada em marmore, bronze e ferro forjado, tendo só a grade custado na casa Moreau de Paris 8:000 fs. o metro, e encerrando pinturas de Manini—causou-lhe um grande movimento de entusiasmo.

Percorreu depois a galeria de marmore, a magestosa sala Luiz XV, — inspirada nas salas dos espelhos de Queluz e Versailles, com pinturas de Weenix e Columbano, e em que os magnificos trabalhos em madeira desde o *parquet* á cupula foram executados por artistas portuguezes sob a direcção de Leandro Braga — e a sala Luiz XVI, forrada de seda da época, tambem obra do entalhador Leandro Braga, pinturas de Malhóa e estuque de Meira. O que o decidiu, porém, mesmo contra vontade da familia que temia a sua ruina, foi a belleza arrebatadora da pe-



1.—Interior do solar de Elmhurst vendo-se n'um quadro Mr. Bryan e seus paes

2.—A galeria de marmore no palacio Foz



quena sala d'entrada, Renascença, que encanta todos que a visitam. Na verdade a *boiserie* de carvalho esculpido, as figuras de tamanho natural por Coxvoz, o fogão de mosaico e azulejos de R. Bordallo Pinheiro, são de belleza incomparavel.

Mr. Bryan e sua gentilissima irmã tem sabido apreciar-a devidamente, tendo ali a sua bella colleção de pratas portuguezas antigas e sempre grande profusão de flores.

O representante da America não só tomou o palacio mais sumptuoso de Lisboa mas tem sabido mantel-o com o devido brilho, fazendo d'elle um centro de reunião elegante e artistico.

Cabe-lhe a honra de ter inaugurado com festas condignas o imponente salão Luiz XV. D'estas ficou memoravel o grande baile por occasião da visita da esquadra americana, dos mais grandiosos a que Lisboa tem assistido, e que teve a honra da presença de S.S. MM. El-Rei D. Carlos, as Rainhas e S. A. o Senhor Infante D. Afonso. A esta festa brilhantissima se referiram largamente os jornaes francezes, inglezes e americanos.

Outras festas esplendidas ali se deram em honra dos officiaes de navios de guerra inglezes, brazileiros, suecos, japonezes, argentinos e, apenas ha dias, d'um allemão.

Dois lindissimos bailes de caridade se realisaram na Legação Americana.

Por occasião do congresso



1—Coronel C. Page Bryan n'uma marcha d'exercício das tropas do Estado de Illinois  
2—Coronel Bryan e o seu ajudante de campo n'uma tenda de manobras



Miss Bryan, alma d'artista, que na photographia tem produzido trabalhos de rara belleza, deu sempre ás recepções da legação a nota harmoniosa, o perfume dulcissimo que se exhala da sua figura distincta, simples e boa. Actualmente na America, no retiro suave do seu solar de Elmhurst, dedicase de coração ás suas flôres que quando ella chega jámais fenecem.

Sei que estas linhas sinceras vão causar um abalo ao coração sensível de mr. Bryan, mas é necessario que o paiz saiba o que deve a s. ex.ª e o que perderá com a sua partida.  
F. ALMEIDA CARVALHO.



de medicina, uma grande parte dos congressistas ali se reuniu n'um festival.

Mr. Bryan foi delegado á última conferencia telegraphica e deu festas a todos os delegados. Fazendo as honras d'estas festas foi o ministro muitas vezes auxiliado por seu pae e sua irmã. Mr. Thomaz Barbour Bryan, o distinctissimo advogado fallecido, figura insinuante e boa com a sua barba d'um branco purissimo, espelho do seu caracter, que aos 76 annos conservava na fala e no olhar o brilho da adolescencia, conhecia a fundo a lingua e litteratura portuguezas. Grande admirador do padre Vieira traduzira-o para inglez, e d'aqui enviava correspondencias para as revistas americanas.



1—A entrada de Byrds' Nest. 2—Byrds' Nest, solar da familia em Elmhurst (Illinois). Miss Bryan entre as suas flôres. 3—Arvore secular da propriedade de Elmhurst

# A ABERTURA DAS CORTES.

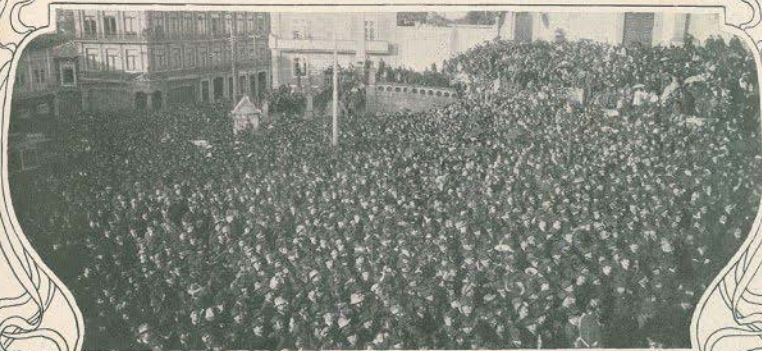
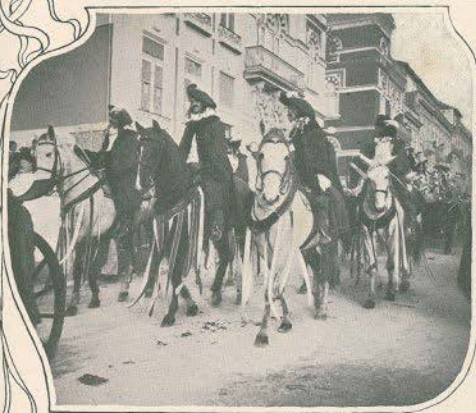
SUA MAGESTADE EL-REI SAINDO DAS CORTES  
DEPOIS DA CERIMONIA REAL DA INAUGURAÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO LEGISLATIVA DO SEU REINADO EM 1 DE MARÇO DE 1909.

(Cliché de BUNOLIREL)





# O ENTRUDO NO PORTO



1—Guarda de honra do carro de Arlequim. 2—Chá das cinco horas. 3—A multidão em frente do edifício dos Fenianos aclamando a rainha do carnaval  
4—A rainha do mercado na sua tenda de toucinheira. 5—A rainha saudando a multidão da varanda dos Fenianos—(Clicks de CARLOS FERREIRA CARDOSO e AURELIO DA PAZ DOS REIS)

## FIGURAS E FACTOS



O CASAMENTO REAL. — De novo se tem insistido, e especialmente por ocasião da recente visita do soberano hespanhol a Villa Viçosa, nos boatos do casamento próximo de sua magestade el-rei, sendo agora indigitada como noiva provavel do sr. D. Manuel a princeza Beatriz Leopoldina Victoria, filha mais nova do fallecido duque Alfredo, irmão do rei de Inglaterra, e que foi duque reinante de Saxe-Coburgo-e-Gotha, e da gran-duqueza Maria da Russia. A princeza Beatriz nasceu a 20 de abril de 1884 em Eastwell Park. Apesar do desmentido officioso publicado, a *Illustração Portuguesa* insere o retrato da illustre princeza no intuito de corresponder á curiosidade dos seus leitores.

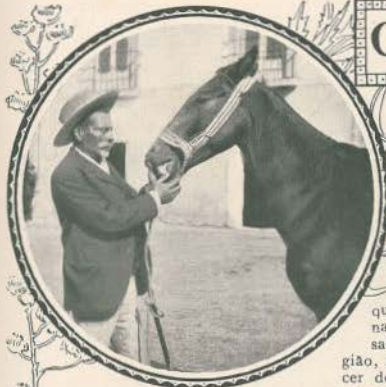
(Cliché de STUART L. K. A.)



UMA CARICATURA CURIOSA. — A caricatura que publicamos n'esta pagina é de um talentoso artista portuguez, o sr. Amadeu Cardoso, que actualmente está estudando architectura em França. Representa as duas distinctas virtuosas irmãs Suggia em um concerto que deram ha dias em Paris, e a que assistiu a maior parte da colonia portugueza e brazileira. A caricatura, que foi executada no dia seguinte, de memoria, obteve um lisonjeiro successo entre a colonia pela graça e espirito da sua composição.



# OS CIGANOS



Já correram cinco séculos desde que os ciganos entraram na Europa, vindos sem saber ao certo de que região, nascidos sem se conhecer de quem, com o ar de um povo condemnado, d'uma

raça de peregrinos que chegasse para expiar, pelas estradas de todo o mundo, uns velhos e tremendos peccados, não podendo ligar-se á mesma terra nem morrer na cama onde nascera, como se trouxesse um sello fatal. Elles mesmos — os ciganos — disseram, ao começo, que assim era; que andavam pagando antigas culpas, foragidos da patria, mas com o fundo arteiro da raça nunca trataram da casta dos seus velhos erros. Homens e mulheres, n'um lamuriar humilde, a commoverem a piedade d'esse seculo christão, cheio de fé, disseram que vinham do Egypto, da terra onde estivera o menino Jesus e falando da Virgem Nossa Senhora, como se a estivessem vendo, conseguiram abrigos e provisões, guardando no fundo ciosamente o seu segredo. Inventavam-se-lhe ascendencias entre os grandes culpados d'outras edades: eram a tribu dos Chaanitas, expulsa por Josué, ou eram de uma gentilha inferior da India; vinham dos foragidos de Suigara á chegada do Apostata Julião ou dos



1—Uma compra em que decerto o cigano não é enganado. 2—O mais novo da tribu ao collo da que dentro em pouco será noiva, 3—O jantar da tribu: A sopa do pão comprado não lhes saberá tão bem como se o tivessem pilhado . . .

que tinham sido escoraçados das velhas terras hindus pelas hostes de tamerlani-

uma vontade enorme de saber das suas idéas e dos seus feitos. Acampados pelas estradas no rigor dos invernos ou na doçura das primaveras, elles teem sempre o mesmo ar, guardam o mesmo pittoresco. As suas bellas mulheres trabalhando nos arranjos da tribu, as crianças esmolando, os homens andando nas tosqias do gado ou na venda de alimarias, encontram conhecidos em todas as terras, n'algumas até compadres, porque o cigano baptisa catholicamente os filhos, tantas vezes quanto possivel a fim de receber dos padrinhos as *baetas*, o enxoval da criança que ao nascer, diz a lenda, é logo baptisada a valer. Parece que a mergulham na agua corrente, com palavras que significam: Eu te baptizo n'este ribeiro para que sejas um cigano perfeito...



cas. Depois aceitou-se que era dos indios de Sindy enxotada por alguma culpa ou deante d'algum cataclysmo, toda essa gente d'olhos esbrazeados e inquietos, as faces bronzeadas, o espirito arteiro, o corpo agil, e que falava um idioma tão extranho e tão secreto que ainda hoje é o menos divulgado, como se fôsse a lingua usada para alguma cabala terrivel. Passadas as epocas sem lhes modificar o espirito, sem lhes mudar as tendencias, elles ahi andam pelo mundo, com os seus nomes d'um sabor antigo, resoantes e barbaros, com o seu eterno ar de mysterio que seduz e attrahe, que nos leva para elles com

Nos casamentos teem os ciganos o seu ritual pagão, mas habil, porque se a sua moral é larga para os delictos de roubo e assassinio, é estreita, em demasia talvez, para a infidelidade á raça e d'ahi vem o mysterio tão bem guardado da sua origem e do seu idioma e o abandono total da mulher que atraição o companheiro. Essas lindas ciganas d'olhos de braza, cujos corpos nervosos teem requebros languidos de bailadeiras, podem viver aquella vida de miserias, atravessar os caminhos mais terriveis, inspirando os maiores amores, que são sagrados sempre para o cigano até á hora do consorcio, que para se fazer necessita da affirmação da sua virgindade feita por tres chefes. Uma velha da tribu, a



(—Lavando os trapos: As crianças andarão limpas algum tempo. . .  
 )—No casal do Alvito: Um acampamento cigano

tribus são governadas e os ciganos teem reis, dão a licença para o enlace. Desde logo se atira ao ar a bilha tradicional cujos cacos se guardam como se em vez de restos de barro fôsem de rara louça e assim ficam casados aquelles dois entes que vão fazer a sua vida

por essas estradas sem fim do mundo lado a lado. As tribus errantes no dia dos casamentos armam as suas tendas como arraiaes fronteiros; d'um lado a gente do noivo, do outro a da noiva, estando a *Peliche* já attenta. Em volta as crianças olham espantadas da festa; as mulheres — as *callardós* — de cabellos cortados, por serem viúvas, evocam o seu tempo feliz, as raparigas com as molhadas de saias enfeitadas com fitas de côres garridas prepararam-se para a folia. Os cavallos, os burros, os animaes da tribu pastam no campo e como n'uma scena primitiva cozinha-se o jantar sobre duas pedras. O sol brilha no alto, porque a festa cigana carece de luz. Os chefes com as suas barbas alvas quadrando o bronzeadão da tez saem gravemente da tenda da noiva com a *Peliche*; entregam o lençol de honra ao pae do noivo e de subito

vê-se apparecer a mulher, com os seus melhores vestidos, com as suas joias sorrindo para o seu escolhido que está no campo fronteiro. De subito resôa um grito, um incitamento: *Pilhá que é tua!*... Elle salta lesto n'uma corrida; ella foge-lhe até que os braços musculosos do homem a seguram, a levam, a arastam como n'um rapto. Assim se unem esses ciganos ageis, bons

quem chamam a *Peliche*, recolhe-se por momentos com a noiva e traz dentro em pouco com um lenço — a que se dá o nome de lençol de honra — a prova d'uma honestidade que ella jura ter existido n'aquelle que vac ser a esposa do cigano. Tres chefes, porque as



1—A mais velha da tribu: Será uma *Peliche*?  
2—O receio da photographia: A superstição ou o medo de ser reconhecida?!

cavalleiros, atrevidos com as ciganas d'olhos de luz, lindas ledoras de *buenas dichas* e cuja belleza vae murchar dentro em pouco por uma extranha condição d'essa raça.

A ciganagem tem suas

das são as que surgem de momento e com que vão enganando os mais sabidos. As ciganas servem-se da sua arte de leitoras de sinas para apanharem dinheiro, no jogo da *carriola* ou por outros meios que no fim são da sua industria, como a venda das fazendas fingindo contrabando e d'outros artigos em que sempre teem ganho.

Amadas pelos poetas, queridas pelo mysterio que as envolve, as tribus ciganas vão sempre correndo o mundo, andam pela Hungria como por Hespanha, por Portugal, como pela França, na Italia e na Inglaterra, na Allemanha e até na China, chamando-se bohemios ou gitanos, ciganos ou romanichels, zingaros ou gypsios, zigner ou cikan, despresando a terra e amando a vagabundagem, deixando as casas que lhes deram na Bohemia para dormirem sob a tenda, fugindo aos affagos da rainha da Roumania, que os queria ligar e dar trabalho, para irem pelos

traças seculares já sabidas e que mal já servem, como seja a de picarem com uma agulha entre os dedos os velhos cavallos sem nervos ou de pintarem o gado de tal fórma que ás vezes o vendem aos antigos donos sem que elles o conheçam, mas as melhores das suas parti-

campos com os seus ursos domesticados, nos seus misteres de pelotiqueiros. Sacrifica-se o cigano pelo *cale* — o da sua raça. Odeia n'um instincto o *jambo* — o extranho. As mulheres não se domam a estes, e se Margarida do Monte foi amante de D. João V, não diz a tradição se ella o amava. Em Inglaterra, uma cigana, feita *lady*, abandonou o seu palacio, as suas

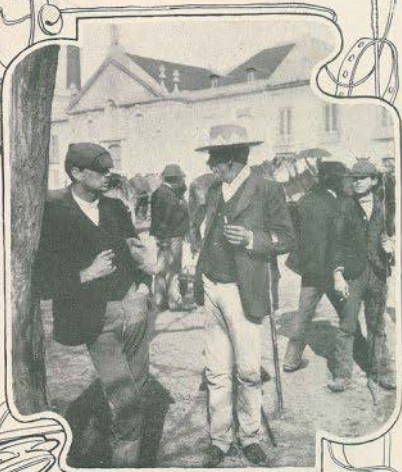


1—A condução da familia sobre o garrano velho como o tempo  
2—Em dia de feira se o negocio correu bem o cigano refastela-se...



gnado pelo titulo de rei d'Arnac. Ao olhar-se uma d'essas velhas, com ares de feiticeiras, emmagrecidas e de boccas cynicas, que nos pedem a mão para lerem a *buena dicha*, ha tambem a vontade de lhe perguntar se ella não será a soberana das ciganas, aquella a quem chamam a rainha de Coestre. E como são eguaes nos trajos, como soffrem das mesmas miserias, a nossa phantasia faz dos que tem mais grave aspecto os reis e as rainhas, os eleitos por elles nos mysterios das florestas, quando o velho rei ou a antiga rainha morrem como esse Esau Smith, de 86 annos, que era o chefe dos *gypsos* de Inglaterra, ao qual succedeu uma rainha, que, nos dias das corridas de Epsom, arma a sua tenda

galas, as suas carruagens, para ir ser a *romi*, a mulher do cigano aventureiro. Na Hungria, um valoroso rapaz d'essa raça chegou a coronel do exercito; um dia desapareceu, desertou, foi para a sua tribu, foi para os gosos da sua vida errante. Ao vêr-se passar uma d'essas tribus que se arrastam pelo mundo, como ha dias os ciganos servios, que entraram em Lisboa com os seus ursos amollentados, com as suas mulheres, com um ban'te famelico de creanças, que choram e tem olhos desconfiados, ao reparar-se nos velhos tropegos que as acompanham e tem corrido a Europa de lés a lés, ha uma anciedade de saber se não irá ali um rei, um dos seus soberanos, aquelle que tem todo o poder, a quem varios agrupamentos obedecem e que em França é desi-



no alto da collina e vê desfilar toda a fidalguia ingleza que mal a suspeita d'um sangue nobre na raça vagabunda que anda a penar pelo mundo uns ruins feitos d'outras eras.

Todo esse mysterio, toda essa vida d'aventuras, os seus ditos e as suas proezas, levam-nos para elles, dá-nos vontade até de os vêr em colera, porque são bellos n'esse estado, ao bradarem

- 1—Um burro que caminhará até morrer...  
 2—Vigiando o negocio  
 3—O velho cavallo depois de pintado fica como novo



n'uma phrase, que é quasi sempre um desabafo: *Te amarello con una chouri!* Mato-te com uma faca! Eis o que elles querem exprimir, n'uma imprecação apenas, porque o cigano geralmente não se ataca entre si. As divergencias das tribus liquidam-as o chefe e se acontece serem presos pela policia das terras que atravessam ou se são julgados pelos tribunales e, embora absolvidos, recebem dos seus chefes os castigos que a sua lei impõe, na maioria dos casos, o castigo corporal, que o culpado humildemente recebe desde que o superior lh'o administre. E' usual vêr-se um cigano, castigado assim, após a sahida das mãos da auctoridade legal e ha a resposta celebre d'um conhecedor dos seus costumes ao qual se perguntava a razão d'esse castigo: Ah! E' para não se deixarem agarrar! E a resposta é boa, porque as melhores condições dos ciganos é serem ligeiros e arditulos.

Metomo — o chefe cigano de Hespanha — teve ardis para escapar durante annos á tropa que o procurava prender.

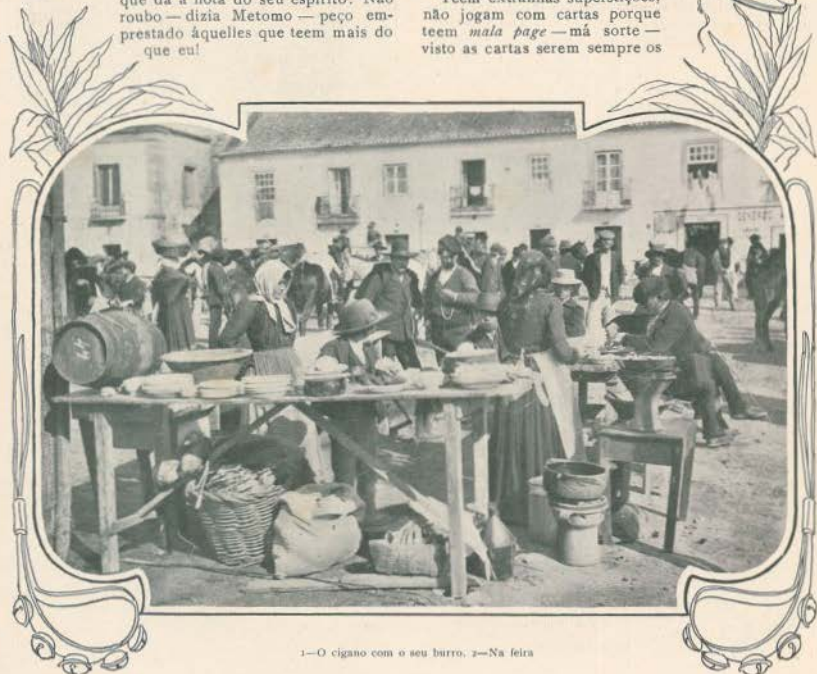
Era um typo curioso de salteador das estradas, um bandoleiro atrevido e audacioso, ligeiro como o gamo, altivo como um rei, moreno e galhardo, que assaltava os viandantes nos caminhos desculpando-se com uma phrase que dá a nota do seu espirito. Não roubo — dizia Metomo — peço emprestado áquelles que teem mais do que eu!

No fundo expressava talvez a moral da sua raça perseguida, escorraçada, que vae de monte em monte, de cidade em cidade, de paiz em paiz, sempre alcançada pela desconfiança de que temtem esses em presti-



mos de Metomo, a que Proudhon, com mais propriedade, chamava restituições.

Teem extranhas superstições; não jogam com cartas porque teem *mala page* — má sorte — visto as cartas serem sempre os



1.—O cigano com o seu burro. 2.—Na feira





*de mi romi sorbelo.*—Durmo nas saias de minha mulher.

Se ellas são tão formosas, d'essa formosura ardente da Carmen de Merimee, *gitana*, cujos olhos tanto mal causaram, como a da Esmeralda de Victor Hugo, como a da Margarida do Monte, que deu trabalhos aos amantes, como a Severa, que adorando o Vimioso, não se queria presa, sentindo todas essa ancia de liberdade, que é o fundo da raça á qual Beranger perguntou:



emblemas mysteriosos onde se lê o futuro. Não gostam de vinho em grandes quantidades nem de bebidas espirituosas, mas adoram os doces como a vida ao ar livre e o sol, que é como o seu *Debel*—o Deus—e a sua mulher de quem dizem com amor: *En las jarsidas*

- 1—Typos ciganos
- 2—Gitaniilla de Hespanha
- 3—Pão para seis pessoas  
(*Clickés de BENOLIEU*)

*Sorcier, bateleurs, filous*  
*Reste immonde*  
*D'un ancien monde*  
*Gais bohemiens d'ou venez-vous?!*

E elles lá vão passando sempre pela terra, sem responderem ou sem quererem dizer de onde vieram nem para onde vão, deixando, no entanto, nos lugares onde acampam signaes estranhos nas arvores e pedras, coisas mysteriosas que só outros ciganos sabem lêr.

ROCHA MARTINS.

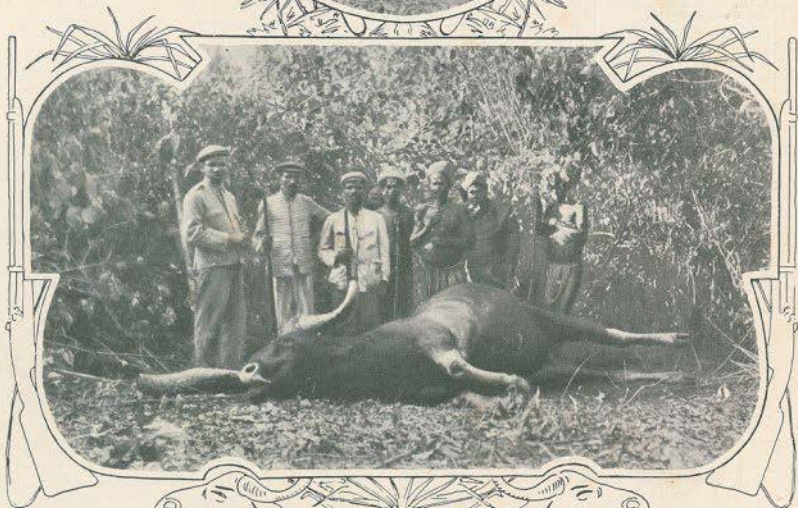
# CAÇADA AO BUFALO NA INDIA PORTUGUEZA

A caça ao bufalo é uma das mais interessantes e apaixonadas, pelas dificuldades e riscos que offerece, não só devido á ferocidade, como tambem ao caracter traiçoeiro do animal. E' usual, por exemplo, um bufalo, que o caçador menos pratico persegue, esconder-



bral, actualmente em commissão n'aquelle Estado na qualidade de chefe do serviço de minas e da repartição de agrimensura, cuja missão o obriga a passar uma parte do tempo no matto.

O sr. tenente Pereira Cabral é um cultor de



se no mattagal, para deixar passar o seu aggressor á frente e depois carregar sobre elle pelas costas e estirpal-o quasim lhe deixar tempo de defender-se.

As photographias que hoje publicamos reproduzem episodios de uma caça feita ao bufalo na India Portugueza e foram tiradas *sur place* pelo sr. tenente de engenharia Gonçalo de Vasconcellos Pereira Ca-



todos os generos de sport, e em alguns d'elles um cultor bastante notavel e distincto, como o demonstrou, ainda ha dois annos, o seu extraordinario percurso do *raid hippico* promovido pela *Illustração Portugueza*, e que os nossos leitores certamente ainda não esqueceram, tendo em vista a sua grande importancia.

Caçada ao bufalo, realisada nos dias 14 e 15 de dezembro ultimo, proximo a Cotigão, nos confins da fronteira sul do territorio portuguez, e em que foram mortos um macho e uma femca, á carabina, pelo tenente Pereira Cabral